DESACATO AOS PAPAS: UMA HISTORIOGRAFIA DA GEOGRAFIA TEORÉTICA FRANCESA (PARTE UM)

Dante F. da C. REIS JÚNIOR[1]

Resumo

Há episódios locais que ilustram, para o contexto europeu, eclosão e espargimento de novos ideários científicos. Interessa-nos aqui um sucesso que, especificamente a ver com o *linguistic turn* ocorrido na Geografia dos anos sessenta, mostrou vigor e longevidade no território francês. Trata-se do surgimento e evolução de um grupo de geógrafos (*Groupe Dupont*) que, sobretudo a partir da década dos setenta, desempenhará a função capital de assimilar e retransmitir – desde uma França mediterrânea – os sinais de transfiguração metodológica manifestos em seu campo disciplinar. No mês de Janeiro de 2010, por trinta dias, examinamos documentos textuais e colhemos testemunhos orais na Universidade de Avignon, sede oficial da agremiação teorética. A pesquisa engendrou, portanto, duas frentes de informação: a bibliográfica (em que nos amparamos nos veículos de divulgação textual chancelados pelo Grupo) e a auditiva (que o depoimento reminiscente dos personagens nos valeu). A narrativa que faremos aqui se baseia em ambas as frentes, sendo que rechecamos certos dados numa segunda estada *in loco* (mais breve, mas recente), ocorrida no final do mês de Janeiro de 2012. Descrevendo origem e subseqüente desenvolvimento do Grupo e seus frutos (colóquio e revista), ansiamos, além de meramente noticiar a intrigante subversão do classicismo francês por próprios agentes domésticos, chamar a atenção para a persistência dessas intenções sofisticadoras – algo que, por sua vez, não há de ser um episódio estritamente francês ou regionalista. (Devido à dimensão final deste produto textual, propusemos sua publicação em duas partes.).

Palavras-chave: Geografia Francesa. Geografia Teorética. Grupo Dupont. Géopoint.

Résumé

L'affront aux papes: une historiographie sur la géographie théorique française (part un)

Il y a des épisodes locaux qui exemplifient, pour le contexte européen, l'avènement et la dissémination des idées scientifiques nouvelles. Cet article se rapporte à un événement très obstiné qui est arrivé en France, concernant la Nouvelle Géographie, et qui est encore aujourd'hui assez vivace. Il s'agit de la naissance et de l'évolution d'un groupe de géographes (Groupe Dupont) qui, surtout à partir des années soixante-dix, a joué le rôle-clé d'appréhender et retransmettre – depuis une France méditerranéenne – les signes de changement méthodologique chez la Géographie. Au cours du mois de Janvier de 2010, nous avons examiné des documents textuels et nous avons recueilli des témoignages orals à l'Université d'Avignon, siège officiel de la pléiade théorique. Donc, la recherche a suscité deux fronts d'information: le bibliographique (quand nous nous sommes basés sur les ouvrages du Groupe) et l'auditif (qui nous a été donné par la déclaration réminiscente des personnages). La narration que nous ferons dérive de ces deux front-là, et nous nous sommes assuré de certains données dans une deuxième visite (plus courte mais récente) qui a eu lieu à la fin de Janvier 2012. En décrivant l'origine et le développement ultérieur du Groupe et ses fruits (colloque et revue), outre que simplement notifier le curieux renversement de la tradition classique par des propres agents français, nous avons l'intention de faire savoir la persistance des projets de perfectionnement méthodologique – un fait qui, certes, n'est pas un épisode strictement français ou provincial. (En raison de la dimension finale de ce produit textuel, nous avons proposé une publication en deux parties.).

Mots-clé: Géographie Française. Géographie Théorique. Groupe Dupont. Géopoint.

[1] Prof. Adjunto, Depto. de Geografia, IH/UnB, LAGIM, Laboratório de Geo-Iconografia e Multimídias – E-mail: dantereis@unb.br

INTRODUÇÃO

No mês de Janeiro de 2010, gozando de nossas férias oficiais, desfrutamos de uma muito proveitosa estada na cidade francesa de Avignon, Departamento de Vaucluse, ao sul do país[2]. Havíamos, de antemão, referido à instituição universitária, nossas intenções investigativas – impulso grandemente determinado por, via literatura vernácula, termos ficado a par da saliência desta cidade na história da *Nouvelle Géographie*[3]. Oportunidade imperdível, sabíamos que ao final daquele mesmo mês se reuniriam (conforme tradição) os integrantes de um grupo que, desde os anos setenta, é quem delibera a normatização dos famosos "Colóquios *Géopoint*" (notabilizados pelo desígnio de participar novidades metodológicas e registrar reflexões a respeito). Assim foi que, gentil e amistosamente, os Professores Philippe Ellerkamp (Diretor do Departamento de Geografia e Vice-Decano da Faculdade de Letras e Ciências Humanas), Loïc Grasland (Diretor da unidade local do *Laboratoire ESPACE* – Unidade Mista de Pesquisa credenciada junto ao CNRS, "Conselho Nacional de Pesquisa Científica") e Philippe Martin (um dos pesquisadores lotados no Laboratório e atual responsável pela organização dos encontros *Géopoint*) nos receberam e concederam-nos acesso irrestrito aos arquivos e dependências do Laboratório.

Ali encontraríamos os registros úteis a deduzir uma pequena "novela", em nada inerte ou sem repercussões. Porque o nascimento do grupo *Dupont* e seus colóquios *Géopoint* parecem simbolizar, excelentemente, o relativo repúdio de uma geração de jovens professores (*enfants terribles*?) aos marcos do grande patrimônio vidaliano[4].

Também devemos muito ao Professor Henri Chamussy, que, amavelmente, chegou a nos receber em sua residência, na cidade de Grenoble (Região Rhône-Alpes), para que pudéssemos entrevistá-lo e colher, assim, informações cruciais daquele que, sem dúvida, é um dos membros mais longevos e ativos do *Groupe Dupont*.

A motivação pessoal

Desde o Mestrado, há cerca de uma década, vimos investigando a ocorrência doméstica da chamada escola de pensamento "teorético-quantitativista", procurando, em circunstâncias distintas, fazer uma apreciação imparcial sobre o papel que teriam jogado – num fito publicitário – certos personagens brasileiros. (Por exemplo, Speridião Faissol, para o "caso humano", urbano-regional, num epicentro fluminense, e Antonio Christofoletti, para o "caso físico", geomorfológico-ambiental, num pólo paulista.). Mas quando de nosso pós-doutoramento nos ocorreu que, ao invés de avaliar aquele pensamento no plano de sua manifestação na escala autoral (quase biográfica), se o fizéssemos num seu rebatimento antes "institucional" (quer dizer, pondo reparo na escala das agremiações ... mais complexa e instigante, pois, que os escrutínios personalísticos) poderíamos lograr compreensões mais reveladoras, e talvez inopinadas. Daí termos optado, na ocasião, pelo "caso rio-clarense", convertendo-o em objeto de estudo num estágio de Pós-Doutorado.

---

[2] A comuna de Avignon, situada na Região Provença-Alpes-Côte d'Azur, por ter sido entre os anos 1309 e 1418 residência pontifical, até hoje é conhecida no país como "*Cité des Papes*". (O papado de Avignon se deu propriamente entre 1309 e 1378. Depois, entre 1378 e 1418, coincidindo com o Grande Cisma do Ocidente, ele rivalizaria com o de Roma.).

[3] A maioria dos imtegrantes do *Groupe Dupon*t iria preferir a expressão "Geografia da Análise Espacial", em vez de "Nova Geografia".

[4] A propósito deste patrimônio (e do "relativo repúdio"), fique claro que para alguns dos integrantes – por exemplo, André Dauphiné – a literatura documentária da história do pensamento geográfico pecaria muito ao dar a entender que ela poderia ser descrita por uma trajetória linear progressiva. O modelo mais coerente seria aquele que flagrasse, numa melhor aproximação, ondas que acabariam sempre retornando. (Neste sentido, a empresa vidaliana não estaria realmente sepultada.).

Já seduzidos pelo viés (intrincado) de uma análise do tipo comparativo, no Doutorado havíamos ensaiado cotejar o pensamento geossistêmico de Christofoletti com a (quiçá, direta fonte genealógica) versão francesa, bertrandiana. Fora, então, uma nossa experiência debutante, em estudos de, digamos assim, "confrontação nacional". [E, está evidente, vem bem a propósito nessas pesquisas "dúplices" – de epistemologia, tanto quanto de historiografia – comparar exatamente as leituras, mais ou menos dessemelhantes, que Geografia Brasileira e Francesa (a primeira, historicamente tributária desta) possam ter tido sobre os exatos mesmos eventos de transitoriedade e inflexão teórico-metodológicas.]. Bem, ocorre que o desafio mais recente era agora um pouco maior ... porque, além do mais, teríamos prazo exíguo para esquadrinhar o histórico da agremiação.

A significância do caso europeu

O valor deste episódio/caso a ser explorado em Avignon residia em dois razoáveis aspectos: 1º) o fato do grupo ser composto por personagens, por assim dizer, "marginais" (no sentido denotativo, posto que esta caixa de ressonância ocorreria, a princípio, independentemente de um beneplácito parisiense); e 2º) o fato de suas derivações concretas (como a criação de um audacioso colóquio de edições bienais) provarem ter conseguido ser longevas ... ou seja, resistentes aos exaurimentos típicos da história das idéias.

É certo que o *Groupe Dupont* (GD), por sintomatizar uma postura reformadora de alicerces conceituais, vem a ser (para evitarmos aqui hipérboles desonestas) "um caso dentre outros" – possivelmente até mais taxativos –, que exemplificam inflexão paradigmática na Geografia européia. Poderíamos citar ainda o caso *ThéoQuant* (encontros também bienais, mas em anos ímpares, que se dão, há muito, na cidade franco-nordestina de Besançon), bem como o caso menos regional, ou, mais continental, do "ECQTG", *European Colloquium on Quantitative and Theoretical Geography*, de já contabilizadas dezessete edições bianuais.

Contudo, o grupo provençal merece destaque na medida em que, espacialmente, conformou uma rede de instituições; uma "mancha" ou enclave regional.

Os expedientes metodológicos da pesquisa ... e para a apresentação desta historiografia

Como demos a entender acima, nossas inspeções tiveram de ser executadas de um modo muito intensivo. Tínhamos somente quatro semanas para examinar documentos textuais, antes que acontecesse a reunião dos integrantes do Grupo (quando, então, pretendíamos estar armados dos subsídios suficientes para as interlocuções e audiências). Essa etapa documental previu as leituras que chamamos "panorâmica" (a fim de localizar os textos mais significantes) e "detida" (a fim de examinar minuciosamente – quer dizer, mapeando extratos denunciantes de discurso apologético – os artigos que havíamos entendido ser os mais favoráveis a sacar linguagem reveladora). Presumíramos, antes de chegar, que só existiriam os anais de colóquio – os quais, por sinal, já somavam um montante apreciável: do ano-marco 1976 até 2008, nada menos que dezessete coletâneas, crescentemente volumosas. Mas tudo se mostraria ainda mais trabalhoso: descobrimos que, além da documentação ordinária, criaram-se ali, em 1977, os espirituosos *Brouillons Dupont*. [Adjetivamos "espirituosos" porque, desde o primeiro fascículo, este periódico caracteriza-se por veicular ensaios cujo teor (revezando sarcasmo e emocionalidade) denota bem que o acento essencialmente transgressor de seus autores jamais redunda num mote pessimista ou compadecido.].

Estávamos, enfim, diante de um mostruário por demais abundante. Teríamos de, por força das contingências, optar por rotinas de leitura mais longas e, ainda assim, sacrificadoras de fascículos. Por essa razão, como nosso propósito era o de compreender as circunstâncias

de origem e (a partir delas) deduzir a trajetória imediata da agremiação, priorizamos os primeiros-anos de publicação e os últimos. No entanto, baseando-nos complementarmente em textos autorais aparecidos noutros veículos científicos (como os de Henri Chamussy – personagem cardeal no movimento e, surpreendentemente, ainda muito ativo nos ensaios de reflexão epistemológica[5]), entendemos conseguir refinar nossos diagnósticos sobre a resistência, no tempo, desta "causa teorética" local. O sacrifício nos parece, assim, relativamente minimizado.

Conseqüência natural, para fins de comunicação de nossas conclusões, a narrativa que apresentaremos a partir de agora, em duas partes, será feita mediante a descrição das discussões havidas durante os primeiros colóquios – tomando-as, pois, como precisas denotadoras da "ambiência" característica (já que suscitando, por exemplo, argumentos apologéticos ... tanto quanto seus imediatos rebates). E ao final deste, digamos, "conto circunstanciado", apresentaremos ainda um pequeno relato sobre as reuniões que tivemos a chance de testemunhar – reuniões que, neste artigo, joga (assim entendemos) o importante papel de ilustrar a "etologia" conservada, por anos, pelo Grupo (no final das contas, aquilo que, simultaneamente, significaria o motor de sua longevidade e também uma peculiaridade possível de identificar, a bem dizer, em todo episódio de difusão epicêntrica da ciência.). Testemunhamos seu encontro de 2010, mas reencontramos nossos personagens também mais recentemente, passados dois anos – quando pudemos (durante a mesma circunstância de reuniões) depurar dados e agregar outros.

Como no caso da apreciação da obra de um autor ainda não falecido, é provável que mereça senões o diagnóstico sobre a função desempenhada por um grupo de pesquisadores cuja história conte, quando muito, meio-século. É certo que retrospectivas costumem (e prefiram) mirar os episódios mais remotos ou ancestrais. Por outro lado, se a intenção primeira for, por assim dizer, "indireta" – desejando, melhor descrevendo, frisar o significado colateral que essa "história" (por mais que relativamente curta) possa apontar –, não há razão para aguardar que envelheça.

O NASCEDOURO

Antecedentes

Aix-en-Provence, cidade sulista da "Costa Azul" mediterrânea, é o palco da germinação. Ali, uma semeadura, em verdade há algum tempo executada noutras paragens, só viria a entreabrir mentes já vulneráveis ... fazendo nelas desabrochar a gema do desassossego.

Março de mil novecentos e setenta, acontecia mais uma das edições das "Jornadas Geográficas" (*Journées Géographiques d'Aix-en-Provence*), tradicionais, por sinal, em muitas cidades francesas[6]. Mas naquela em especial, os jovens recém-professores, idealistas, não exatamente mal-agradecidos por toda destreza empírica ou enciclopedismo adquiridos, en-

[5] Há alguns anos já, o Professor Chamussy é *habitué* em pesquisas e encontros científicos libaneses. Freqüenta especialmente a Universidade Saint-Joseph, sediada em Beirute, em cujo programa de pós-graduação oferece disciplinas de epistemologia e modelagem matemática.

[6] Cabe mencionar o caso do *Festival International de Géographie* que ocorre em Saint-Dié-des-Vosges (Região da Lorraine) há muitos anos. Trata-se de um evento de vulgarização da Geografia junto ao grande público. É organizado nos finais de verão, e em 2012 será já sua vigésima-segunda edição (quando estão previstas, por sinal, discussões sobre paisagem). Diga-se de passagem, desde o início houve um grande estímulo à participação de professores do ensino secundário; o que não ocorre necessariamente nos últimos tempos.

contrariam o clima fecundo da cumplicidade e o noticiário preciso de uma informação-chave – dois ingredientes capitais. Assistindo à exposição de Bernard Marchand, geógrafo francês que se encontrava à época na Universidade da Pensilvânia, EUA, sentem-se motivados a organizarem-se em reuniões. Marchand teria feito comentários sobre as (então) principais técnicas matemáticas em voga, dando exemplos e conselhos: estatísticas descritivas, análise multivariada, auto-correlação espacial, estatísticas bayesianas, etc. [Depois, em artigo saído no *L'Espace Géographique*, Bernard Marchand chegaria a dizer que se tratava de uma verdadeira aventura apresentar o método estatístico a geógrafos franceses, tamanha a aversão que por ele nutriam – possível de notá-la, por exemplo, ao serem folheados seus recentes trabalhos (MARCHAND, 1972).].

Todos retransmitiam aos seus alunos a heterogeneidade de saberes que, anos antes, eles próprios receberam como herança. Um espólio de já muitas décadas: leitura aguçada de cartas geomorfológicas, capacidade de identificar os variados tipos fisionômicos ... e competência estendida mesmo ao reconhecimento dos fatos da cultura: as *maisons rurales* (seus estilos, as rotinas e técnicas de cultivo). Patrimônio vidaliano preservado à risca.

Mas a Geografia clássica fragilizara-se, porque, além de se encontrar pouquíssimo aberta ao ambiente científico, a histórica "descoberta do mundo", pela qual desde sua origem se caracterizava, perdera sentido num mundo já retraído de recantos estremes, inexplorados. E haveria quem dissesse que a Geografia só não se desintegrou graças ao status institucional (sobretudo o escolar) que adquirira e com o qual ainda podia contar.

Entretanto, essas assembléias científicas (pelo que se caracterizavam as "Jornadas") careciam, todos o sabiam tacitamente, de vivacidade, de ímpeto. E é como se ali só se precisasse de um pretexto mais vigoroso, para que, então, a sensação de abatimento fosse convertida em ganas de mudança. Assim, congregando moças e rapazes intimidados para uma causa subversiva, estes se convertiam em iconoclastas. "Não acreditamos realmente em nossos mandarins; e nos envergonha essa conivência, que é repassar sua esterilidade às novas gerações" – teriam, possivelmente noutros vocábulos, murmurado entre si os jovens professores (e não poucas vezes), em algumas das conversas de almoço e jantar. Perceber que poderiam estar constituindo uma geração perdida, afligia os auto-compadecidos (CHAMUSSY, 1997).

Aquilo que ainda viria a ser batizado de *Groupe Dupont* nasce, portanto, dessas conversas informais, mas bastante abastecidas pela insatisfação comum. Os partícipes, comungando impressões mais ou menos idênticas, reunir-se-iam com freqüência crescente – e, sintomaticamente, já no ano seguinte, 1971, quando das Jornadas que ocorreriam na cidade de Saint-Mandé, proximidades de Paris. A maioria residia e trabalhava, por acaso, em cidades do sudeste francês. Em começo de carreira, com os previsíveis modestos ganhos dos "Mestres de Conferência" (*Maître de Conférence*, cargo que no Brasil equivale, mal-comparando, ao do Professor Assistente), foi natural que tivessem optado por estabelecer, enquanto cidade *point de rencontre*, um sítio nodal, estratégico; enfim, de fácil afluência para todos. Avignon lhes pareceu ideal.

Cidade encravada na macro-região *Provence-Alpes-Côte d'Azur*, Avignon foi possivelmente eleita em razão de estar assistida por uma (então nascente) importante rede de auto-estradas[7]. Por sua vez, o nome de batismo, *Dupont*, deveu-se a um motivo bem mais figurativo: uma antiga opereta intitulada "Na Ponte de Avignon" (*Sur le Pont d'Avignon*),

[7] É notável como este mero "detalhe de engenharia" já esclarece, por si só, aquele contexto de ciências sociais em revisão. É que se viviam os chamados "Trinta Gloriosos", período de três decênios ao longo do qual a França (bastante amparada, é verdade, pelas políticas de revitalização pós-guerra) conheceu um saliente crescimento econômico – e, por efeito disso, intensificação do fenômeno urbano-industrial e suas demandas em circulação. (GEOHISTOIRE, 2012). Estava claro, as ciências sociais estavam convidadas, doravante, a lidar teoricamente com novos e rápidos processos espaciais. O rural idílico (narrado) cederia lugar ao urbano progressista (modelado).

consagrada no final do século dezenove, embora remontando ao dezesseis. Os mestres moços reconheciam-se, assim, como os "meninos da ponte": *Enfants Dupont*. Ponte em que, por muito e muito tempo, dançou-se em círculos ao som da mesma fastidiosa melodia. Esses meninos eram, por conseguinte, filhos (de talvez netos) do paradigma vidaliano, experimentando na carne sua exaustão.

As reuniões de trabalho acima referidas aconteceriam, portanto. E se dariam ainda em 1971, em Avignon, com a participação de quinze geógrafos da região sudeste do país. Em poucos meses o número de partícipes praticamente dobraria. É quando se funda enfim o Grupo ... e com dois objetivos básicos: 1º) compreender a *New Geography* (e debater com outros franceses que pretendessem ir na mesma direção metodológica, noutras ciências humanas) e 2º) praticar a estatística e a matemática[8]. Sete foram, de início, as cidades aproximadas pela causa teorética. Além de Avignon e Aix-en-Provence, Montpellier, Nice, Grenoble, Besançon e Strasbourg. Em cada uma delas, em geral, havia um nome polarizador. Jean-Claude Wieber em Besançon, Colette Cauvin em Strasbourg. Houve, é claro, personagens importantes em outras cidades; todavia, por terem se encontrado circunstancialmente isolados em suas respectivas instituições estas não se converteram em pólo proeminente (caso das universidades de Metz, Tours, Caen e Rennes – cabendo ressaltar, nestas duas últimas, o papel desempenhado por, respectivamente, Michel Chesnais e Jean-Pierre Marchand). A própria capital se enquadraria nessa condição coadjuvante: Paris I (Denise Pumain), Paris VII (François Durand-Dastès), Paris VIII (Robert Fouet), Paris X (Edouard Gosseaume), Paris XII (Marie-Claire Robic).

Num ensaio que rememoraria o processo de conformação de epicentros, ou semi, Wieber (1979) classificaria as organizações espontaneamente locais segundo certo nível de envolvimento. Assim é que o grupo de Strasbourg, com razoável formação em matemáticas e informática, bem como possuindo laboratório e curso alinhados com a causa teorético-quantitativista, pôde ser enquadrado no nível dos "bem estruturados". Enquanto que num nível de menor autonomia (necessitando, p.ex., o auxílio de matemáticos contatados) estiveram os grupos de professores de Rouen, Caen, Besançon e Paris I e VII.

O GD configura-se então como um caso particular, por reunir, praticamente, interessados atuando na região sudeste. Avignon, Aix, Montpellier, Lyon, Grenoble e Nice o sexteto mais encorpado.

Contariam no início com o apoio de especialistas (matemáticos de Lyon e Nice), assim como fariam estágios em Paris – mais especificamente na *Maison des Sciences de l'Homme*, onde se iniciariam nas técnicas de análise de dados (nos memoráveis "Quinze Dias de Setembro", em 1972). Esta ocasião, aliás, instituiria elos longevos entre os "meninos" e vários matemáticos parisienses, sobretudo da Universidade de Paris V.

Encontros em Besançon (um dos primeiros, ocorrido em 1974) e em Strasbourg também surtiriam efeitos ... por exemplo, em termos de discussões teórico-metodológicas a respeito de temas vividamente suscitados. No caso da cidade alsaciana, intensas reflexões ocorreriam em seis finais de semana do ano 1976. Um personagem percebe, à época, a transição que precisavam experimentar – entre uma fase de "alfabetização" quanto aos fundamentos, e outra, em que um entendimento mais esmiuçado e atento se mostrara irrecorrível, se se quisesse praticar uma matematização acurada:

> Cette concentration de l'effort sur les techniques a permis de mesurer les limites et les contraintes de fonctionnement. Elles s'accomodaient bien d'une réflexion méthodologique et théorique encore limitée: le démontage méticuleux de la technique a mis en évidence le problème des données d'entrées, de leur forme, de

[8] Para o quê, aliás, recorreriam notadamente à obra *Mathématiques des sciences humaines*, de Marc Barbut, com vários volumes (Paris, Presses Universitaires de France): *Combinatoire et algèbre* (1967), *Nombres et mesures* (1968), etc.

> leur fond, de l'interprétation des résultats. Il est dès lors impossible de poursuivre sans penser méthode, théorie, idéologie. (VIGOUROUX, 1978, p. 6).

O grupo também receberia convidados ilustres para suas reuniões. Yves Lacoste em Dezembro de 1975, Bernard Kayser em Janeiro de 1977, David Harvey em Junho do mesmo ano. E, em certas ocasiões, haveria a "mobilidade" das reuniões do GD. Por decorrência de tratativas com colegas estrangeiros, ocorreu das mesmas se darem, por exemplo, no Canadá (Montreal) e na Espanha. Ainda em 1977, mês de Novembro, os membros encontrariam camaradas catalães numa proveitosa *séance* em Barcelona.

Parêntese: "a insatisfação" (insuficiência lingüística e ambiência oportuna)

O início dos anos setenta testemunhará certas iniciativas e movimentos muito significativos. Após o episódio-emblema que foi a comunicação de Marchand e suas repercussões junto aos jovens ouvintes, outros pequenos "sinais" são denotadores. Alguns geógrafos franceses começando a arriscar publicações em língua inglesa (Paul Claval); alguns outros, desde o Canadá, difundindo resultado de pesquisas metodologicamente "atípicas" (casos de J.-B. Racine e H. Reymond, que apreenderam técnicas afluídas dos vizinhos Estados Unidos); ensino de Matemática em Besançon (J.-Ph. Massonie); em Rennes, aplicação de estatística em estudos de clima (Ch.-P. Péguy); maior formalização metódica dos trabalhos em laboratórios de geomorfologia (na Bretanha, com F. Verger); e realizações da equipe de Strasbourg, de que, personificadas por S. Rimbert, resultaram por exemplo uma comissão (*Comission de Géographie Théorique et Quantitative*), em 1975. Esta Comissão, diferentemente do famoso *Quantitative Group*, reuniria equipes mais heterogêneas do ponto de vista das ênfases dadas; por outro lado, a representatividade numérica, digamos assim, não se compararia ao grupo britânico (bastante mais expressiva). Na França, foi marcante o fato de muitos pesquisadores trabalharem quase que isoladamente, em seus respectivos institutos de lotação.

Mas de que monotonia reclamavam? Certamente, do status de excelência dos estudos fisiográficos, do privilégio concedido à ruralidade mesmo em época efusivamente urbano-industrial ... e porque tudo isso vinha sendo feito, insistentemente, num descritivismo inventariante e em tom literário. Daí a fé depositada no valor heurístico das novas abordagens. Elas tornariam automático o cuidado com a clareza das noções envolvidas e a necessária não-contradição dos argumentos.

> Les géographes se réfugiaient alors, par une sorte de politique de l'autruche ["política do avestruz"], dans un discours idiographique, voire monographique, et renonçaient, sans le dire, à toute épistémologie unifiante, ou même cohérente. (CHAMUSSY, 1999, p. 97).
>
> Il ne s'agit plus de la description classique, du type de celles que l'on trouve dans la littérature "classique", mais d'une première tentative pour décrire le fonctionnement. (idem, p. 100).

Reclamavam, pois, o (sabidamente neopositivista) rigor lingüístico[9]. Incomodava, é evidente, também aquela sensação de que o regime do mandarinato (em que "patrões",

[9] É preciso, no entanto, deixar claro que a decisão de se enveredarem no caminho das explanações mais austeras, conquanto significasse, por uma parte, dedicar atenção à análise dos conceitos e enunciados, por outra não sacrificava os estudos mais pragmáticos, tais como os ligados à prática do planejamento. Ilustra a longevidade deste entendimento, uma frase graciosa proferida por Henri Chamussy numa reunião a que assistimos. Numa tradução aproximada, ele diz: "Ciência é como exploração de petróleo: tem-se que procurar, procurar, procurar. E em toda parte! Mas chega uma hora em que é preciso parar e fazer o buraco em algum canto" (Reunião do dia 28 de Janeiro de 2012).

pretensos únicos dignos legatários do tradicionalismo geográfico, sucediam-se nas mais eminentes cátedras parisienses) lhes asfixiava qualquer ousadia de transcendência. Por este raciocínio – embora algo delirante, nem tão infundado –, o peso da tradição teria obstaculizado, entre outras tomadas de conhecimento, a da moderna literatura anglo-saxônica, a do valor dos pioneiros franceses (ocultados, marginalizados) e a de toda produção bibliográfica acumulada em história e filosofia das ciências.

A grande lacuna, com certeza, chamava-se "exercício epistemológico"; ou: o hábito de, vigilantemente, em simultaneidade com a prática rotineira do fazer ciência (ainda que resumido em descrições físicas decorativas), estar sensível a qualquer inadequabilidade das opções conceituais. Quer dizer, se por largo tempo o geógrafo francês nem cogitou (ou simplesmente entendeu ser baldia) a exercitação de uma sistemática mirada no espelho, só podia parecer transgressiva a proposta de, doravante, empenhar-se em refletir sobre a filosofia da ciência geográfica ... "epistemologia" que, bastando o mero pronunciamento do termo, já soava estranho entre os neófitos[10].

Mas uma solidarização francófila logo jogaria o papel de atenuar a relativa ignorância. As técnicas matemáticas, por exemplo, das quais geógrafos situados do outro lado do Atlântico e do Canal da Mancha já estavam notavelmente íntimos, foram transmitidas à França por canadenses quebequenses e próprios franceses que, testemunhando *in situ* o aparecimento de textos tanto reflexivos quanto propedêuticos/introdutórios na aplicação dos novos instrumentos, tiveram a camaradagem de noticiar a boa-nova. Ocorre que essa retransmissão, por se dar com as seqüelas típicas de toda defasagem temporal, encontra, na França, uma conjuntura que se caracteriza por ciências sociais refratárias a qualquer sinal de neopositivismo – ou, numa expressão simplista, qualquer "serventia à burguesia ou ao imperialismo americano". Estava claro, a empresa teorética na França teria de, para prosperar, driblar duas enormes barreiras: 1ª) a resistência do patrimônio vidaliano (personificado por "papas" e institucionalizado em departamentos universitários parisienses), e 2ª) a má-vontade de uma leitura neomarxista então ecoante nalguns enclaves autodenominados insurgentes ou à margem.

Fica, por conseguinte, também evidente que a interpretação que se fez (em tom de admoestação) dos procedimentos sistêmico-abstratos em Geografia basear-se-ia na caricatura daquilo que de fato teria desejado ser: ao invés de ensaios motivados pela boa-fé de melhor iluminar (entenda-se, via linguagem mais universal) aquilo que só vinha sendo "explicado" por um discurso descritivo, inventariante e literário ... grosseiras e mal-intencionadas reduções da realidade social (e mesmo natural, para os casos da "numeração" dos fenômenos climático e biológico). Na época em que se dá, por exemplo, a segunda edição do colóquio *Géopoint*, em 1978, na cidade de Lyon, era audível a sentença de que seus partícipes seriam geógrafos "de direita". Alguns deles teriam se sentido ofendidos; outros, achado graça ... afinal, por que uma análise estatística de dados (uma inofensiva "ACP", Análise de Componentes Principais) faria de seu praticante um reacionário? "Manipulação"! E no sentido pejorativo da palavra ... era precisamente por isso que se teria caracterizado a *Nouvelle Géographie*. Uma interpretação comungada por, dentre outros indóceis, os autores de artigos veiculados pela revista *Hérodote* – poucos dos quais atentos ao fato de que, partindo do marxismo e do estruturalismo, se podia chegar, sem celeumas, ao mesmo sistemismo. (Na antologia de lances pitorescos, teria havido quem dissesse, em tom ferino/reativo, que era preferível ser neo-positivista que "arqueo-negativista".).

Por mais que os interesses pessoais viessem a tomar trajetórias independentes, o fato é que os membros do Grupo seriam, em essência, motivados pela mesma consciência: a

[10] Registra-se, com respeito ao assunto, o curioso e vexatório episódio em que, invitado a dar conferência aos entusiasmados participantes do primeiro encontro *Géopoint*, Jean Piaget (1896-1980, de reconhecida obra em teoria do conhecimento) simplesmente recusa o convite. Nas palavras de uma testemunha, Piaget teria se escusado nestes termos: "Je ne vois pas en quel sens je pourrais intervenir car la géographie n'a ni concepts scientifiques, ni théories." (LE BERRE, 1989, p.27).

de que a disciplina estava já há tempo demais voltada para si mesma; e que era preciso se colocarem dispostos a escutar "o outro". Bem, este "outro" eram certamente aquelas disciplinas cujo status científico estava melhor estabelecido. Mas não se tratava de alargar, simplesmente, o alcance temático da Geografia; era o caso, isto sim, de assimilar a prática do raciocínio e argumento lógicos, de ganhar familiaridade com técnicas que forneciam resultados interessantes ... e, uma vez alfabetizados nisso, ponderar as "condições de transferência"[11] (LE BERRE, 1989). Na realidade, nunca foi novidade na Geografia a aproximação conceitual com outras disciplinas; ocorre que ao hábito de, judiciosamente, se interrogar sobre a validade das transferências (de conceitos, modelos e teorias) e sobre o modo de torná-las operacionais nem sempre foi praticada ... seja porque houve mera busca pelo acúmulo de informações (sem explorar detidamente a frutuosidade das abordagens), seja porque se pensou desnecessário reivindicar o pertencimento à comunidade científica.

Essa "freqüentação metodológica" de outras disciplinas demonstrou a todos que a tarefa de reformar uma disciplina essencialmente ignorada pela comunidade científica era colossal.

Iniciativas preliminares e vias de difusão

Dentre as primeiras manifestações de sinergia, a mais emblemática é a organização de reuniões de estudo. Todas elas, a princípio, fixando o objetivo de encarar o desafio simultâneo de uma instrução primária (a "alfabetização" referida antes, pois que muitos dos jovens professores precisaram ser iniciados na linguagem matemática) e de uma atualização (para que, portanto, não restassem defasagens muito prejudiciais). Num exercício que, passadas as décadas, é até tocante ver que se deu com tamanho afinco, as sessões de encontro do GD foram, a bem dizer, "cooperativas de ensino". Coisa que perdurou por, pelo menos, meia-década – quando cada necessidade de compreensão ia puxando outra: depois dos rudimentos em estatística, veio a análise multivariada ... depois a álgebra linear, e o cálculo matricial, e a teoria dos grafos, e a teoria da informação, e a do comportamento, e as inferências estatísticas, e ...

Depois, o comum nas reuniões passaria a ser a transmissão de pesquisas já autorais, em fase de execução (seus expedientes teórico-metodológicos, bem como os resultados obtidos pelo respectivo pesquisador). Não só nesta etapa, mas ainda na fase de "estudos de recuperação" (*rattrapage*), começariam a ficar claras as preferências pessoais por um ou outro âmbito de aplicação da *Nouvelle Géographie* – fosse o interesse pela informática (que arregimentaria, de fato, um bom contingente de franceses); fosse o interesse por teorias específicas (a dos grafos, exemplificando).

É verdade que, nos anos inaugurais, os jovens agremiados serão movidos sobretudo pelo anseio de uma efetiva instrução em técnicas quantitativas. Documentos e relatos comprovam. Por outro lado, não há qualquer indício de que esta determinação pelo aprendizado teria significado o enaltecimento da ferramenta como o fim da ciência ... em vez de um meio, simplesmente. Mesmo porque o próprio interesse por filosofia das ciências (este, não menos dificultoso de se ver atendido, já que o desconhecimento de autores-chave, como L. Wittgenstein e K. Popper, era patente) dirigia os professores também para o entendimento da construção lógica das teorias ... e, entre elas, as da complexidade. Entendimento para o qual foram assistidos por autores eminentes, nacional ou internacionalmente: Jean-Louis Le Moigne, Serge Moscovici, Ilya Prigogine, etc. Mas logo apareceriam traduções socorristas. Em 1973 é publicada pela casa Armand Colin a edição francesa do clássico *Locational*

[11] Seguir o exemplo dos biólogos, p.ex., que, distinguindo vários níveis de organização dos sistemas vivos, há muito buscavam um formalismo capaz de integrá-los. Bem, então a hierarquia espacial poderia (por que não?) ser pensada nos mesmos termos.

analysis in human geography, de Peter Haggett. Mas em 1971 o célebre *Bulletin de l'Association des Géographes Français* já havia dado espaço a uma série de trabalhos que aplicavam, pioneiramente na França, a técnica da análise fatorial. E no ano seguinte, surgiria em Paris, com Roger Brunet, a revista *L'Espace Géographique* (a princípio, pensada para justamente fazer difundir o novo ideário nomotético, como o prova o segundo número de 1972, com os verdadeiros manifestos ali contidos). Houve também publicações seriadas regionais. Um boletim da Sociedade de Geografia da região do Languedoc (Montpellier, a sede) seria bem freqüentado por artigos concernentes, assim como as "Memórias do Laboratório de Geomorfologia da Escola Prática de Altos Estudos" (sediado em Dinard, Bretanha), com bastantes números, e as *Recherches Géographiques* (Strasbourg), com grande ocorrência de trabalhos e um número integralmente rendido. Noutros vários periódicos, por sua vez, o tema não constaria senão em números excepcionais: nos "Cadernos Geográficos de Rouen", com dois números especiais dedicados (o quatro e o dez/onze), e na *Revue Géographique de l'Est* (Nancy), com o número exclusivo de 1978. O próprio CNRS chancelaria muitos fascículos de uma revista intitulada, significantemente, *Analyse de l'Espace*; enquanto em Nice, por algum tempo, o periódico *Analyse Spatiale Quantitative et Apliquée* veicularia artigos inteiramente consagrados à revolução.

Encontros, como os de Besançon, assinalariam outra via de difusão. Mas, igualmente, desses seminários germinariam registros textuais: os *Séminaires et Notes de Recherche des Cahiers de Géographie de Besançon*, cujos números oito a dezenove contêm os anais dos colóquios havidos no decurso. Em Outubro de 1972 dá-se o primeiro encontro. E a partir dele reuniões anuais congregariam, por dois intensos dias, especialistas em matemática, estatística e informática, de um lado, e geógrafos, sociólogos e economistas, de outro. Entre os anos de 1972 e 1978, Besançon mobilizaria sempre em torno de cem interessados (não apenas franceses, mas suíços, italianos, alemães, belgas e, por vezes, canadenses). Na maioria dos casos, tratava-se de jovens que queriam se informar a respeito. Os anos de 1978 e 1979 seriam marcantes pelas mesas-redondas que se deram, respectivamente, em Strasbourg (acerca de uma então manifesta "geografia teorético-quantitativa do noroeste europeu") e na cidade-irmã Montpellier, onde se discutiria a análise espaciotemporal em Geografia. Ambos os eventos foram patrocinados pelo CNRS e indicaram, a bem dizer, que a prática não se deu às cegas; houve de fato "importantes reflexões metodológicas" (WIEBER, 1979) – ou, uma verdadeira *pratique raisonnée*[12].

Numa parceria entre o GD e as universidades de Genebra, Lausanne e Lyon II, os colóquios *Géopoint* derivarão espontâneos. Havia o desejo de organizar um encontro para que se discutissem questões "preocupantes" ... e precisamente devido ao fato de que a progressiva aquisição de conhecimentos matemático-estatísticos os fez sentir a necessidade de um "recuo" – isto é, para refletir epistemologicamente sobre objeto e método de suas pesquisas. A princípio, os grandes temas de preocupação girariam em torno das relações matemática-metodologia e epistemologia-ideologia ... encarnadas nos temas da contigüidade, da amostragem, da temporalidade.

[12] Com respeito a isso, cabe mencionar aqui toda a discussão precipitada no seio do GD em torno do significado da "análise espacial". Embora alguns *Duponts* possam ter divergido, ficou claro que ela representaria apenas a parte formalizada (*noyau dur*) do procedimento geográfico; ou seja, não poderia ser confundida com a própria Geografia, cujos interesses todos não vão sempre exigir um corpo operacional deste estilo. Nem tudo seria, então, formalizável em Geografia.

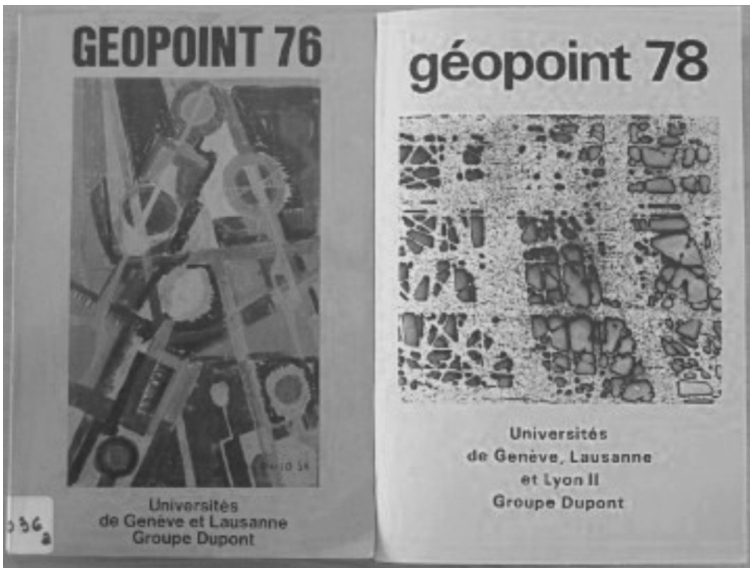

Figura 1 – Dois primeiros cadernos do *Colloque Géopoint*
Foto de nossa autoria

Personagens e caleidoscópico temário

Os primeiros membros do GD são principal e previsivelmente franceses; minoritariamente, alguns suíços. Dentre os primeiros estavam professores das universidades de Avignon, Aix-Marseille II, Grenoble I, Lyon II, Montpellier III e Nice; além de pesquisadores do CNRS. Já dentre os segundos estavam, exatamente, Claude Raffestin e Jean-Bernard Racine – respectivamente das universidades de Genebra e Lausanne.

Se formos tentar compor um quadro que dê o mostruário (ilustrativo apenas) das várias gerações *Dupont*, teríamos, aproximadamente, um grande círculo de precursores (embora nem todos agregados à primeira hora) e, em seguida, nomes bem mais recentes. Integram o círculo dianteiro Henri Chamussy (Grenoble), André Dauphiné (Nice), Joël Charre (Grenoble), Pierre Dumolard (Grenoble), Jean-Paul Ferrier (Marselha) e Franck Auriac (Avignon) – estes seis certamente definindo a vanguarda –, mais Marie-Geneviève Durand (Grenoble), Maryvonne Le Berre (Grenoble), Annick Douguédroit (Aix-en-Provence), Robert Chapuis (Dijon), Patrice Uvietta (Grenoble), Michel Vigouroux (Montpellier), René Grosso (Avignon), Jean-Pierre Marchand (Rennes) e François Durand-Dastès (Paris). Já personificando geração mais jovem teríamos Philippe Martin (Avignon), Christian Grataloup (Paris), Catherine Sélimanovski (Montpellier), Karine Emsellem (Nice), Jean-Jacques Bavoux (Dijon), Loïc Grasland (Avignon), Philippe Ellerkamp (Avignon), Olivier Orain (Toulouse), Céline Rozenblat (Lausanne).

No âmbito da tríade tema–técnica–aplicações, constatou-se um enfático caráter heterogêneo. Resultado das inclinações pessoais dos pesquisadores, vários ramos da Geografia se veriam acrescidos da leitura teórico-abstrata e/ou do instrumental matemático-estatístico. Em dados casos (Teses de Doutorado, por exemplo), leitura e instrumento constariam como mero recurso particular; noutros, se lhes concederia espaço mais privilegiado. É certo que a geografia física viu-se bem menos impactada ... e talvez fosse possível estimar uma ordem decrescente de acolhida da revolução metodológica: estudos de clima – estudos

(integrados) de paisagem – estudos de fluxo (águas, sobretudo) – estudos sobre equilíbrio (entre o biogeográfico e o geomorfológico, por exemplo)[13]. Mas no caso do Grupo é intrigante e chama a atenção o fato de que um bom contingente dos pioneiros lidava com climatologia (notadamente, A. Dauphiné, A. Douguédroit, F. Durand-Dastès e J.-P.Marchand). No entanto, é decisivamente a geografia humana que se transfigura ... e nos estudos urbanos. Só depois a ruralidade e os transportes serão incorporados às novas linguagens. A geografia da população, por sua vez, não seria tão impactada, posto que já mantinha com a demografia uma proximidade metodológica que lhe garantia vitalidade e argumento coetâneo. As aplicações em geografia regional (não tão espontâneas, dada a resistência de uma tradição quase secular) ocorreriam no estudo de estruturas e organizações/funcionamentos de conjuntos territoriais micro e macro-escalares, quando então o ideário do planejamento freqüentaria bastante as argumentações e raciocínios.

No rol das técnicas, destacaram-se aquelas vinculadas à classificação, geradoras de tipologias. Mas também se exprime no contexto uma "*cartographie automatique*", além do emprego da teoria dos grafos, da grande família das teorias sistêmicas e algum ensaio de modelagem. Tudo isso verificado no teor das chamadas "Teses de Estado" (espécie de Livre-Docência), "Teses de 3º Ciclo" (Doutoramento) e "Memoriais de Graduação" (nossas Monografias de Conclusão, lá chamadas também *Mémoires de Maîtrise*).

No plano da reflexão epistemológica, a grande *anima* no Grupo – pois que acalorará todos os debates iniciais – foi o tema "modelagem". Salvo reservas muito pessoais, houve resoluto empenho em promover o ato intelectual da abstração. O curioso é que anos passariam e mesmo no desenlace dos anos noventa ainda seriam redigidos ensaios apologéticos. Como se, no imaginário francês, sempre restasse uma desconfiança ... a qual tinha de ser, periodicamente, medicada. Há um artigo escrito por Chamussy em que o autor principia as sustentações citando uma muito emblemática frase de Michel de Certeau (filósofo e historiador, 1925-1986). Traduzindo, aproximadamente: "para que se constitua, uma ciência precisa ficar de luto pela perda da realidade" (CERTEAU apud CHAMUSSY, 1999, p. 82). É possível, neste bem como em inúmeros outros trabalhos análogos e mais antigos, extrair uma série de idéias-chave, que, de certo modo, sumariam os compartilhados entendimentos acerca da *modélisation*:

a) a modelagem, enquanto formalização que autorizará simulações, vem suprir a insuficiência do discurso fundado unicamente na observação;
b) modelos são reconstituições simplificadas do real; permitem compreendê-lo e torná-lo compreensível;
c) modelo é, em essência, uma formalização que compreende o ato da categorização e auxilia um discurso descritivo; e
c) apesar de não os contemplarem precisamente, modelos mostram o resultado ou então um momento dos processos; são estáticos, sim, mas explicativos em bom grau.

DO VIÇO INICIAL À CONSOLIDAÇÃO FINAL

Conforme narra Jean-Claude Wieber (1979), os temores suscitados nos debutantes anos 1971 e 1973 provaram-se, ao final, injustificados. Superadas quaisquer experiências desconcertantes (naturais em toda nova e desafiadora empresa), as publicações surgidas

[13] Por outro lado, num certo sentido, poderíamos até falar mesmo de uma "Nova Geografia" Física que, muito embora não tenha se valido necessariamente do instrumental matemático-estatístico trazido pela *New Geography*, empreendeu (graças a iniciativas autorais) um louvável aperfeiçoamento ou sistematização dos antigos *études du milieu*. Thierry Brossard, Jean-Claude Wieber e Georges Bertrand merecem ser referenciados neste verdadeiro ato de fé, em prol de uma recuperação científica do *paysage*.

mostraram-se consistentes ... e invariavelmente atenciosas com o fato de que (enfim concedendo espaço ao exercício da epistemologia) era preciso esclarecer o objeto geográfico. Por outro lado, se a prevalecente audácia venceu os prejuízos e receios, não se deram – tão aceleradamente quanto se pôde desejar – o engajamento (cultural) e as conquistas (materiais) ... que apenas com o vagar típico do comedimento puderam ir manifestando-se.

Ilustraria a visibilidade de um engajamento francês na cena internacional (mais especificamente no âmbito anglo-saxônico) a publicação de um artigo escrito por dois simpatizantes do Grupo lotados em Paris, Olivier Dolfuss e François Durand-Dastès: "Algumas considerações sobre as noções de sistemas e estrutura em geografia" – aparecido no famoso periódico britânico *Geoforum*, em 1975.

Quanto à visibilidade em solo francês, além do aparecimento de artigos coletivos na revista *L'Espace Géographique* (GROUPE DUPONT, 1975; CHAMUSSY et al., 1984), o ano de 1981 é muito marcante. Neste ano o GD é reconhecido pelo CNRS como equipe em cristalização (*Jeune Équipe*). Também a edição de obras autorais de membros *Dupont* – aparecidas numa coleção especial intitulada *Geographia*, da casa editorial *Economica* – atestariam o ganho de holofotes. Membros como A. Dauphiné ("Espaço, região e sistema"), P. Dumolard ("O espaço diferenciado"), F. Auriac ("Sistema econômico e espaço").

Numa rápida sinopse da "filogenia" do Grupo, poderíamos enumerar estes estádios como os mais representativos e significantes: 1º) da aprendizagem e retransmissão (conhecimentos em informática, p.ex.); 2º) da rede cooperativa (constituição de círculos de apoio mútuo, numa *auto-formation collective*); 3º) das adaptações e experimentações (testes de adequação dos modelos aos problemas); e 4º) da maturidade epistemológica. E este amadurecimento previu não só a supressão (relativa, porque tal armadilha nunca se desfaz) dos "falsos debates", dentre os quais exemplarmente o do "método (sic) quantitativo" (que quase consensualmente todos passariam a entender como não mais que um conjunto de técnicas de tratamento de dados), mas também a ciência de que a Geografia precisaria estar presente nos debates sobre acaso e determinismo – resultado da tomada de conhecimento da literatura estrangeira em *hard philosophy of science*.

É imprescindível também mencionar aqui o fato de que alguns dos integrantes do GD tomaram parte no projeto GIP-RECLUS. Expliquemos. GIP, "Grupo de Interesse Público", é uma figura jurídica pela qual o Ministério da Pesquisa francês oficializa, desde o início dos anos oitenta, a existência e os trabalhos de alguma importante agremiação. No caso do GIP-RECLUS, o interesse em questão era de cunho científico (pesquisa e extensão) e sua existência se deu entre os anos de 1984 a 1997 (motivos políticos e financeiros justificando seu desaparecimento). Noticiaram-se, nesse período, avanços contemporâneos nos estudos geográficos – análise espacial, abordagens sistêmicas, reflexões epistemológicas –, replicando uma tendência que, na realidade, o geógrafo francês sempre foi convidado a praticar a partir dos anos setenta. A alcunha distintiva de "RECLUS" rendia, deliberadamente, uma homenagem a Elisée Reclus (1830-1905); personagem inovador, porém injustiçado. Mas com a sigla-sobrenome acordavam-se, em simultâneo, as intenções: "Rede de Estudo sobre Mudanças nas Localizações e nas Unidades Espaciais" (*Réseau d'Étude des Changements dans les Localisations et les Unités Spatiales*). A criação do Grupo veio acompanhada da inauguração da "Casa da Geografia" (*Maison de la Géographie*), na cidade de Montpellier – as "*maisons de la science*" sendo também uma interessante resolução daquele Ministério. Bem, esse fato só fez frisar a proeminência do sudeste francês na empresa teorética. Montpellier virou um centro físico de reuniões animadas e base de dados. Experimentou-se ali o avanço dos microcomputadores; logo, praticaram-se as benesses do tratamento estatístico e da cartografia de ponta. Como efeito, a edição de vários documentos textuais (entre livros e atlas), mas também a atuação profissional junto a ministérios e delegações franceses. Ministérios ligados à indústria e aos transportes, por exemplo, e delegações tais como a eminente – e, de fato, muito tributária da revolução metodológica em Geografia – "Delegação para o Planejamento Territorial e Ação Regional" (DATAR, *Délégation à*

l'Aménagement du Territoire et à l'Action Régionale). Além de Roger Brunet, o GIP-RECLUS teve como diretores os *Duponts* Franck Auriac e Joël Charre.

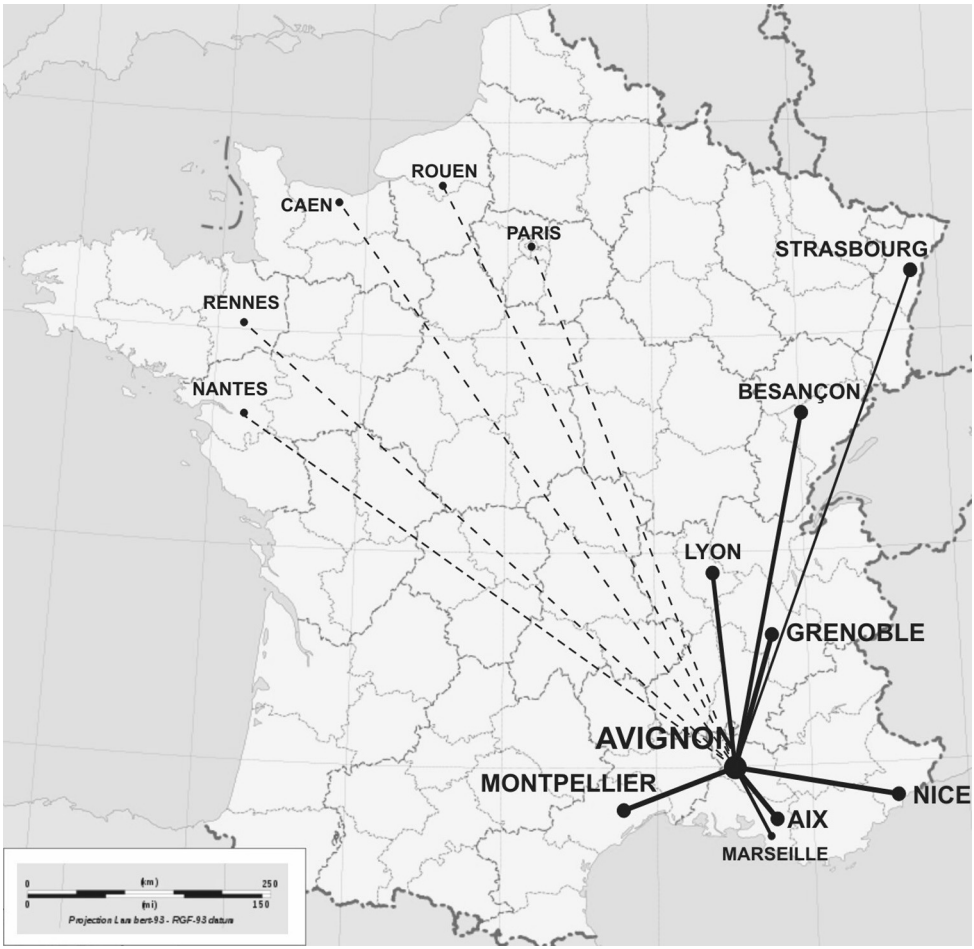

Figura 2 – Irradiação de geografia teorética na França

Organização nossa; fonte do mapa de fundo: www.cartesfrance.fr

Primeiros encontros de extensão: os princípios do Colloque Géopoint

Desde o inaugural, os colóquios são realizados respeitando uma mesma processualística: comunicações proferidas por convidados, seguidas de oficinas de discussão (*Ateliers*), e arrematadas por sessões plenárias com debates de conclusão. Cada uma dessas etapas contando com um relator crítico – iniciativa muito favorável ao leitor das atas do evento, realmente. Às vezes, o colóquio conta com (para cada tema previsto – pois que podem ser vários, em torno da questão central) múltiplos "ateliês". Assim sendo, ocorre de se organizarem, simultaneamente, mais de uma dezena de salas de discussão. E estas salas contando também com respectivos presidente e relator.

Arrematataremos esta primeira parte de nosso artigo com um mostruário sinóptico dos temas e conteúdos animadores dos primeiros colóquios.

Géopoint 1976

Neste evento inaugural foram dois os temas atratores das conferências e discussões: 1º) o da relação entre matemática e metodologia e 2º) o da relação entre epistemologia e ideologia. Quatro intervenções desencadearam debates: a de Stanley Gregory (da *Sheffield University*, Inglaterra), com sua "Teoria geográfica e metodologia estatística", a de Claude Tricot (atuando, à época, junto ao Departamento de Econometria da Universidade de Genebra), com "As matemáticas em geografia: busca de uma estrutura descritiva coerente" e as dos já mencionados Claude Raffestin ("Problemática e explicação em geografia humana") e J.-B. Racine ("A geografia moderna na problemática das ciências sociais: dos paradigmas da totalidade aos paradigmas críticos"). O Professor Henri Reymond, do *Laboratoire de Géographie Théorique et Quantitative* da Universidade de Strasbourg I, redigiria, a propósito destas comunicações e toda discussão despertada, uma síntese crítica. Convenção que se manteria para os colóquios seguintes, os debates registrados num previsto capítulo especial no caderno do evento, nem sempre seriam intervenções precisamente conclusivas; por outro lado, invariavelmente dariam uma idéia dos questionamentos surgidos ou cultivados pelos ouvintes: motivada uma auto-análise com respeito aos exercícios feitos em epistemologia, não se chegaria fatalmente ao reconhecimento de que era ainda dramaticamente frágil a cultura científica dos geógrafos franceses? ... e desde que instruídos em filosofia da ciência, esses profissionais não chegariam então a ver melhor esclarecidas certas definições-baliza? (teoria, hipótese, dedução, probabilismo, etc.) ... como desconsiderar as "condições de transferência" dos modelos (quer dizer, sem que se atente para a lógica própria da disciplina receptora)? ... e, afinal de contas, a estatística tradicional já não representaria um progresso com relação ao procedimento empírico?

Gregory, o eminente autor de *Statistical methods and the geographer*, de 1963, deu um relato pessoal. Tendo, como muitos, se formado segundo os protocolos regionalistas da escola francesa, sentira, ao final dos anos cinqüenta, a necessidade de adquirir conhecimento sobre estatística, a fim de prosseguir, de modo mais eficaz, seus estudos em climatologia. E ela, para Gregory, teria função bastante precisa: o teste de hipóteses, o meio para uma mais precisa descrição e o amparo à construção de modelos. Este primeiro conferencista diagnostica algo de muito denotativo sobre o estado das coisas em seu país: apesar dos avanços e da aceitação dos métodos e dos trabalhos de construção de teoria e elaboração de modelos, o "grau de entusiasmo" e o "nível de competência" eram nitidamente variáveis ... e não apenas de instituição para instituição, mas também entre indivíduos de um mesmo Departamento. (Por exemplo, teria havido aqueles ingleses que encorajavam sobretudo o uso dos instrumentos computacionais, enquanto outros priorizavam o entendimento dos fundamentos teóricos subjacentes às técnicas matemáticas[14].). Resultaram da apresentação discussões instigantes: o problema da amostragem (necessidade eventual de "fabricar os dados"?); a questão da unidade da pesquisa científica; o determinismo versus possibilismo; as relações entre teoria geográfica, teoria espacial, teorias de processo e teorias sociais.

Tricot, por sua vez, apresenta trabalho sobre as aplicações da estatística em estudos de população. E os debates, aparentemente, resultaram bem mais acesos. Porque se falou, em seguida, sobre a pretensa objetividade da análise quantitativa (aquela "interna ao instrumento", admitida, e a objetividade da adequação modelo-realidade, vista por muitos dos ouvintes como problemática ... para não dizer inalcançável). Tricot ter falado ser possí-

[14] E os próprios *enfants Dupont* perceberiam os "problemas da quantificação"; por exemplo estes dois: uma abordagem analítica que "parceliza" o objeto em fragmentos; e o risco inerente de privilegiar, do fenômeno, apenas aquilo de que se disponha traduzido em informação numérica.

vel apreender estruturas geográficas por meio de estruturas algébricas logo despertou manifestações de revide. (Um participante, por exemplo, interveio observando que não se pode formalizar em linguagem matemática processos dialéticos; e que se por acaso há negligência com respeito àquilo que não se presta à formalização, isto se dá por um "motivo ideológico".). Tricot se mantém convicto, no entanto. É importante que advenha e impere uma Geografia aplicada, a qual, fundamentada em técnicas quantitativas, ratificará o fato de que seu valor de disciplina com habilidades preditivas define exatamente seu respectivo valor de ciência.

Ler as páginas que relatam os debates posteriores é, para qualquer olhar intérprete, deleitoso. Vejamos alguns dos pontos explorados após a conferência de Raffestin; pontos para os quais, de hábito, haveria posicionamentos colidentes – o que, no entanto, não significa que os argumentos não pudessem, no final, servir a uma e outra postura:

a) uma nova Geografia poderia mesmo conter um "projeto social do geógrafo", diferente dos aspectos teórico e técnico?
b) formalizações, se prematuras, podem ter efeito inútil, por mais que os resultados pareçam coerentes (algo como uma auto-ilusão, portanto); mas a formalização, apesar disso, não acaba sendo um meio de infiltrar o geógrafo (enquanto técnico, decerto) nos quadros de direção, onde pode então atuar no sentido de atenuar conflitos sociais?
c) além do mais, a formalização tende a adquirir certa universalidade; atributo louvável, já que os signos passam a ser compreensíveis por diversas disciplinas;
d) as linguagens, de que natureza forem, não são meros veículos; todas possuem raízes sociais;
e) há uma oposição essencial entre as perspectivas materialista (para a qual o real existe e é preciso descobrir suas leis edificantes) e a idealista (para a qual o real é uma percepção e a ciência o constrói de uma maneira "válida", conforme se mostrem coerentes a linguagem e as hipóteses);
f) o geógrafo deve se policiar, não caindo na armadilha do julgamento (sobre o que é bom e belo)? ou os instrumentos do conhecimento devem (ou podem) estar integrados a um viés ideológico? (e, neste caso, seria ele um geógrafo intervindo ou um homem simplesmente, opinativo e vulnerável?);
g) é de fato consistente a sustentação de que haveria uma pesquisa "de direita" (a favor do *establishment*) e uma "de esquerda" (querendo aniquilá-lo)[15]?
h) não se estaria meramente imitando a escola anglo-saxônica, em suas técnicas quantitativas, no afã de recuperar suposto atraso, importando seu novo empirismo e sem real análise epistemológica sobre virtual adequação?
i) o geógrafo parece possuir, então, um modo próprio de abordar/conceber as coisas, mas isso talvez não queira dizer que detenha conceitos, hipóteses, teorias, ideologias, linguagem e método especificamente seus;
j) por outro lado, quem sabe, se pudesse dizer que não existe teoria geográfica até o momento apenas; e o que teríamos à disposição seriam teorias sociais introduzidas num plano espacial (a teoria dos lugares centrais, por exemplo, seria uma tradução espacial de leis de comportamento social).

Racine, o quarto conferencista, contrabalança observações antípodas. As descobertas feitas sobre estruturação hierárquica de cidades e rede urbana constituem um saber que, se bem que admitidamente científico, bem fundamentado, pode ser ideológico na medida em que nos faria aceitar como necessárias as políticas que viabilizam aquela estruturação. Mas, mesmo assim, uma indagação lógica pode permanecer: modelos matematicamente

[15] Os agremiados eram mais ou menos consensuais na sustentação de que não haveria relação necessária entre um compromisso com a política (*engagement politique*) e um compromisso com a epistemologia (*engagement épistémologique*). Mesmo porque houve na França conservadores sob o ponto de vista metodológico e, a despeito disso, nem um pouco ortodoxos em seus engajamentos políticos.

"sãos" (empiricamente verificados), saídos muitos deles das ciências físicas ou biológicas, sempre quererão dizer uma naturalização/universalização das contradições sociais, bem como das crises decorrentes? A fala de Racine, na verdade, ilustrava bem a ambiência efervescente: caracterizada, em essência, pela ainda indefinição quanto ao novo "regulamento" para a pesquisa científica em Geografia. As ambigüidades, as incertezas (todas, em geral, pendendo para a leitura particular do participante), atestavam este estado das coisas: *questions à régler*. O espaço geográfico existe independentemente das práticas sociais que o produzem? Estudamos relações espaciais, sociais ou ambas? Quais são determinantes? Existem invariantes espaciais? A independência do tempo pode ser sustentada de algum modo? E o que fazer com conceitos desenvolvidos por disciplinas em progresso? Automaticamente descartá-las porque saíram de ciências naturais? Pode-se evitar a ideologização de um discurso científico? Racine arrematariа a fala decretando um *nécessaire positivisme* (ou, duas necessidades à que a análise científica não poderia se furtar): transparência dos enunciados e proposições submissas a algum teste de validade.

A conferência, é lógico, soou agradável tanto quanto exasperou. Vieram ao debate colocações como a que demonstrava temor de que, se se definisse o objeto da Geografia como sendo a "organização", estaria presente o perigo de uma espécie de racionalidade atemporal (e, sendo assim, o estudo pode bem servir de meio ideológico à transmissão da idéia de permanência de um sistema). Afinal, a Geografia deve explicar ou mudar o mundo? Mesmo porque as leituras marxistas pareciam convergir na questão da premência de teoria social; contudo, distinguiam-se quando o assunto era intervir nas relações entre população e território. E, acurando as reflexões, um participante ainda insinuaria que a palavra "teoria" talvez não devesse ser tomada no exato mesmo sentido quando falamos, por exemplo, em teoria dos grafos e em teoria marxista. Naquela altura, de fato, geógrafos franceses já haviam procurado aplicar o marxismo de distintas maneiras: Roger Brunet e Jean Tricart, no plano do método dialético; Pierre George, no plano do "conteúdo" (quer dizer, quando grupos são analisados em termos de classe social e poder, dispensando terminologias mais generalizantes, como a de população).

Todos ali estavam mais ou menos no mesmo nível de informação sobre a literatura epistemológica recente; estavam a par, por exemplo, da publicação, no ano anterior, de um artigo em que Gilles Sautter, então Professor da Universidade de Paris I, falara sobre a utilidade da Geografia. *The discipline and its settings: some thoughts on geography*, texto que conquistou visibilidade, já que aparecido no importante *International Social Science Journal*.

Mas pairava sobre os debates uma divergência clara: marxismo historicista versus sistemismo funcionalista. O curioso é que, apesar das contendas suscitadas, um caráter de prudência predominou nas exposições – e se seus autores tivessem pensado em retratá-lo via epígrafes, as exclamações-síntese teriam sido: "o espaço não há de restar subordinado à estatística!" ... "a teoria geográfica não há de reduzir-se à linguagem!" ... e "a discussão sobre o conteúdo ideológico da Geografia não haveremos de evitar!". Na prática, três lemas que traduziam: 1º) a preocupação em não aprisionar o espaço no universo da matemática (e, bem ao contrário, fazendo é um esforço para então re-situar a "nova estatística" num quadrante preferencialmente de estudos críticos); 2º) a preocupação em evitar o reducionismo lingüístico (porque a teoria geográfica teria de possuir um conteúdo empírico); e 3º) a preocupação em expor, às claras, relevância e deficiência dos sistemas de pensamento aparentemente antípodas (no caso, esgotando os cotejamentos entre teorias marxistas e sistêmicas).

É possível concluir que os debates não se dirigiram tanto às técnicas quantitativas (praticamente aceitas em consenso pelos participantes). Por outro lado, eles se polarizaram quanto à questão do "conteúdo" da teoria geográfica. Noutras palavras, as questões atinentes da veiculação de ideologia e do pertencimento ao âmbito das ciências sociais (porque, neste caso, segundo alguns, ter-se-ia de incorporar necessariamente o materialismo dialético).

Um argumento interessante emergiu também: haveria realmente uma diferença categórica entre este materialismo e a teoria dos sistemas gerais? Isto é, não seria excessiva mávontade não reconhecer que, talvez, no final das contas, as relações dialéticas e as interações sistêmicas alcançariam a mesma cobertura de fenômenos? Outra conclusão autorizada é que os debates, majoritariamente, apesar da presença de geógrafos de reconhecida produção intelectual em subcampos fisiográficos (tais como Durand-Dastès e Dauphiné), relacionaram-se ao campo de ação da geografia humana[16]. É certo que o próprio "duelo" ali presente, de sistemismo versus marxismo, terminava regendo o tom do temário sob discussão. E, nisso, pouco importava se os debatedores eram físicos ou humanos.

Géopoint 1978

Nesta segunda edição do Colóquio, ocorreram duas exposições de abertura, uma de André Dauphiné, outra de Claude Raffestin – cada uma delas seguidas de sessões de discussão em quatro salas. No dia seguinte, organizaram-se quatro ateliês temáticos: intitulados "Combinação", "Distância e Rede", "Produção do Espaço" e "Paisagem".

A conferência de Dauphiné, "Matemáticas e conceitos em Geografia", ressaltou os perigos do mau-emprego das matemáticas. No desvelo de acatar os sinais da modernidade, errar interpretações, simplificá-las ou simplesmente torná-las abusivas. Mas não nos deixemos enganar, Dauphiné, personagem-membro de primeira hora e dos mais assíduos nos encontros, desde o início faria as vezes do prosélito mais convencido – o que, todavia, não o fez produzir argumentos espúrios. Naquela *journée*, o jovem professor da Universidade de Nice quis sustentar que o favorecimento trazido pelas matemáticas anulavam os virtuais riscos: maior precisão conferida ao sistema de conceitos, possibilidade de criar novos, etc. Dauphiné, porém, nas salas de discussão enfrentaria reações céticas. As matemáticas na verdade apenas tratariam as informações; só muito eventualmente ajudariam a refinar conceitos. E estaria havendo uma séria confusão entre conceito e teoria, e entre conceito e noção. O que define afinal uma ciência? E é preciso fazer da Geografia uma? Ou seja, todo o aceso debate acerca dos alicerces se mantivera. Era o frescor dos "meninos da ponte".

A conferência de Raffestin, "Os constructos em geografia humana", debruçou-se sobre o processo de conceitualização no subcampo da disciplina. Suscitou, na salas de discussão, opiniões heterogêneas: a medição não é necessariamente um critério de cientificidade, a explicação sim; a originalidade em voga é oportunista; a Geografia atual pode estar apenas passando a tratar de um espectro mais largo de temas – o que não quer dizer que haja nisso um decorrente enriquecimento conceitual (até porque os conceitos tomados de outras disciplinas – psicologia, sociologia urbana – às vezes são empregados pela função operatória que têm, sem o cuidado de uma formalização que considere sua pertinência); talvez se pudesse falar numa "hierarquia da abstração", e sendo assim, num sentido crescente, teríamos noção → conceito → modelo → teoria.

Nos ateliês temáticos, dissonantes que eram, discutiram-se assuntos variados. Em que circunstâncias se está diante de uma combinação? E a partir de quando se tratará de um sistema? A combinação estaria no centro do processo de emergência de sistemas (*systémogenèse*)? Um debate comum nos anos setenta também despontou ali: o sentido de "distância" em Geografia (para alguns, um conceito com pouca utilidade operatória nos

[16] Como dissemos antes, a *New Geography* foi revolucionária, exemplarmente, para os setores humanos da disciplina. Porque não teria mesmo como soar inédito, nos setores fisiográficos, o novo ideário e seus métodos. A experimentação e os testes em laboratório já eram costume corrente em certas especialidades da geomorfologia e da hidrografia. E por mais que se tratasse de uma geografia física conservada "clássica", já haveria, inerente (ainda que implícita ou inconscientemente) um pendor para a generalização ... logo, por um triz, também um pendor para a predição – coisa esta já mais insólita ou difícil de esperar em geografia humana.

atuais estudos de organização espacial). As querelas a ver, por exemplo, com certos desacordos verbais, ocorriam em alguns momentos. A discussão sobre se o termo mais apropriado seria "produção" ou "estruturação" do espaço exemplifica. Haveria um espaço "não-social", porque não produzido? O tema da paisagem, marco inconteste do período clássico francês, provocou os argumentos recorrentes. Não se a confunde comumente com meio natural (*milieu naturel*)? Ainda seria possível considerar, em pé de igualdade, natureza e cultura (ambos, objetos legítimos da Geografia)? Sob pena de cair em ambigüidades, o razoável não seria sempre definir uma circunstancial prioridade? E houve quem sugerisse que talvez as acepções existentes (as mesmas que tornam "paisagem" conceito tão polissêmico) não fossem tão distintas assim, de vez que um cruzamento entre elas se permitiria ver.

Géopoint 1982[17]

Esta quarta edição contava com um título expressivo. "Os Territórios da Vida Cotidiana: procura de níveis significantes na análise geográfica". Surge neste momento, na dinâmica dos ateliês, a figura do "comentarista" (*répondant*), a quem se atribuía o encargo de sumariar o teor das conferências, abrasando as discussões. Nomes como Roger Brunet e Robert Ferras assumiram este papel. O Colóquio compreendeu cinco ateliês: "O País" (com onze comunicações previstas), "O Território da Vida Cotidiana" (com quatro comunicações), "Rede e Território" (com uma apenas), "Prática do Ecodesenvolvimento" (com três) e "Território e Cidade" (com duas comunicações).

Uma conferência de abertura ficou a cargo de Maryvonne Le Berre. Intitulada "O território nas suas relações com os espaços geográficos: conceito antigo, uso novo", tratou de assuntos então consagrados por uma geografia humana que já não podia se esquivar do olhar pragmático. Convergência de atores, planejamento, espaços sócio-culturais, organização estratégica de espaços econômicos, promoção política de espaços democráticos, etc.

Com respeito ao primeiro ateliê, naturalmente expôs-se a variação possível de sentidos de "*pays*" (palavra que em francês possui um significado escalar diferente): o "país" da residência ... mas também o da gestão do mercado, da gestão política, dos espaços de identidade, da solidariedade e da socialização. A Professora Marie-Claire Robic, que logo se tornaria famosa por seus estudos em história do pensamento geográfico, apresenta um trabalho sobre Lucien Gallois (1857-1941), da primeira geração de vidalianos, e sua defesa da "região natural" nas nomenclaturas de porções espaciais.

O *Atelier* dois contou, por exemplo, com as conferências de Jean Paul Ferrier, amparado na leitura de Serge Moscovici, e de J.-B. Racine, que, embasado em Le Moigne, falaria sobre a Geografia e sua busca de um "horizonte". Dauphiné e Bailly foram alguns dos nomes presentes nos demais ateliês – respectivamente, no quarto (como conferencista) e no quinto (como comentarista). Bailly já demonstrava a essa altura seu convencimento de que uma nova Geografia teria de dar relevo ao psiquismo dos indivíduos (essa afiliação epistemológica, aliás, será sua marca registrada). Bem, não foi por acaso então que ele ali vaticinaria que sem aquele realce o conceito de territorialidade jamais ganharia profundidade.

Géopoint 1984

Neste encontro foram três os temas gerais compreendidos: "Escalas, Encaixamentos e Interações" (com oito comunicações, dentre as quais uma da Professora Maryvonne Le

[17] Infelizmente, devido a um esgotamento de exemplares, não tivemos acesso aos anais do terceiro Colóquio (nomeado "Axiomas e Princípios em Geografia"), provavelmente, muito interessante.

Berre, a propósito da modelagem sistêmica da diferenciação espacial), contando com três ateliês; "Formação, Estabilidade e Destruição" (com onze comunicações, dentre elas a das Professoras Denise Pumain e Thérèse Saint-Julien, sobre sistemas de povoamento modelizáveis) debatido em também três ateliês respectivos; e "Sistemas e Subsistemas Mundiais" (com seis comunicações e as presenças parisienses de Roger Brunet e Olivier Dolfuss, tratando de conexões e fluxos internacionais), discutido depois em dois ateliês.

Nos debates acerca do primeiro tema, os participantes, perguntando-se sobre se a abordagem sistêmica seria um modo de pensar ou então simplesmente um meio de construir modelos formalizados, apresentaram distintas compreensões ... e mesmo no que tange às noções de "encaixe" sistêmico e hierarquização decorrente. Em tom de consonância, apenas a consciência de que trabalhar "num espírito sistêmico" consistia em: 1º) (numa aparente tautologia) considerar que os funcionamentos resultam das estruturas enquanto estas contribuam a manter os primeiros e 2º) considerar que, apesar das resistências, pode haver desordens e transformações.

Inserido no tema dois, Chamussy apresenta sua inspirada comunicação "Se..." (*If...*), na qual aborda a incorporação do "possível" aos modelos – algo que, podendo parecer na maioria dos casos um mero "ruído" (portanto, perturbação sem maior significado), eventualmente poderia jogar papel apreciável nos desencadeamentos. Aludindo à questão do imprevisto, Chamussy menciona Edward Lorenz e a famosa alegoria do *butterfly effect*. Dauphiné, por sua vez, apresenta uma perturbadora comunicação sobre sistemogênese, baseando-se em obras ligadas às ciências biológicas. Dauphiné, um invariável estudioso de protótipos teóricos naturalistas (logo, sempre a par da produção científica desta vizinhança), se vale dos casos da morfogênese celular, bem como da formação de outros padrões em sistemas vivos. Tudo a fim de demonstrar o potencial explanatório das teorias biológicas (sobre dinâmicas de ativação/inibição, sobre diferenciação espácio-temporal de células e tecidos) ... acreditando que a transferência desses conhecimentos para a Geografia resultaria num salutar aprofundamento dos estudos sobre emergência e decurso de formas espaciais. Isso a exemplo do já empreendido a partir da Física e da Economia, com os respectivos exemplos da termodinâmica e do modelo centro-periferia. A acima referida comunicação de Pumain e Saint-Julien apresentaria interessantes simulações de expansão urbana (para aglomerações, tais como Rouen, Nantes, Bordeaux e Strasbourg). O modelo proposto, presumidamente, permitindo explorar conseqüências possíveis dos fenômenos de declínio demográfico dos centros, de segregação residencial, etc., ainda que não se buscassem (ato de fé das autoras?) respostas normativas a eles. Outra comunicadora parisiense neste segundo tema, Lena Sanders apresenta trabalho sobre bifurcação, em que comenta o caso ilustrativo de um centro urbano que, por se encontrar saturado ou em lento progresso, pode, por processo sistêmico, logo ser ultrapassado por uma periferia que conte com a vantagem de espaços disponíveis (os quais lhe confeririam, então, plena expansão).

Mas a par desses temas e comunicações notáveis, houve três conferências de abertura muito interessantes. A primeira delas, pronunciada por Jean-Louis Le Moigne, um célebre pesquisador francês que havia sido pioneiro nos estudos de aplicação da análise sistêmica aos assuntos de economia a administração. Os sistemas, segundo Le Moigne, não poderiam ser considerados meros conjuntos (*ensembles*); na modelagem "*ensembliste*" há sempre um elemento irredutível (ponto, átomo, etc.), enquanto a modelagem propriamente sistêmica pode prescindir deste axioma. Enquanto objeto do espírito (e não da natureza!), o sistema seria, simultaneamente, uma "organização organizada" e uma "organização organizante". Pelo primeiro aspecto, ele funciona; pelo segundo, se transforma. E ambas as representações são necessárias à modelagem de qualquer fenômeno percebido. Assim, o fato "organização", na qualidade de propriedade dos sistemas, definiria como eles mantêm e mantêm-se, conectam e conectam-se, produzem e produzem-se. Sob três feições a propriedade se demonstraria: o auto-equilíbrio (*maintenir*), a auto-referência (*relier*) e a auto-poiese (*produire*). Não há dúvida, o pensamento sistêmico de Le Moigne, tipicamente transdisciplinar, estimulava as aspirações de seus ouvintes: todo sistema constituiria progressivamente para

si um caminho oportuno a que sua organização se transforme de tempos em tempos; para isso, o sistema, "inteligente", estabeleceria representações simbólicas sobre suas próprias transações, as quais, sendo então "memorizadas", são o que favorece a constituição daquele caminho.

A segunda conferência foi do Professor François Durand-Dastès, um *Dupont* atuante na Universidade de Paris VII. Em sua comunicação falaria sobre estabilidade dos sistemas, o papel dos "anéis de retroalimentação" (*boucle de rétroaction*) positiva e negativa. Levantaria também o importante detalhe dos problemas operacionais relacionados com a modelagem – uma preocupação que desde o início acometeu os membros. Finalmente, Durand-Dastès ainda mencionaria a utilidade dos estudos matemáticos sobre bifurcações e catástrofes – dois protótipos teóricos que chamavam a atenção por sua presumida serventia nas considerações sobre processo espacial.

A terceira conferência de abertura coube a Antoine Bailly e Charles Hussy. Também membro de primeira hora, Bailly, diga-se de passagem, será o personagem do Grupo que, por muitos anos, jogará o papel do exegeta censor. Quem lê seus argumentos, nota com facilidade a tendência do geógrafo em, sobretudo, pôr sob suspeita as técnicas e os conceitos. Nesta sua comunicação, por sinal, o autor falaria que, com freqüência, os geógrafos estariam "se curvando" a correntes intelectuais da moda, utilizando-as como um "bálsamo" que acalma angústias: depois do determinismo, o marxismo – que substituíra (é claro, com méritos) o determinismo físico pelo social ... mas restariam insuficiências. Neste sentido, o sistemismo na ocasião estaria figurando, inadvertidamente, como a nova *voie royale*. E o cáustico diagnóstico de Bailly: havia mais artigos o elogiando, que o aplicando. Taxativo assim, o suíço quis foi pronunciar seu receio de que, simplesmente enquadrando o fato social como um exemplo de "sistema aberto", as coisas estariam resolvidas.

Termina aqui esta primeira parte do artigo. Nela quisemos reunir informações principalmente relacionadas com a tomada de conhecimento da revolução teorético-quantitativista na França, sendo que optamos por fazê-lo a partir da historiografia de uma muito particular "confraria" regional. A opção por destacar a eclosão teorética neste país mediante a narrativa das origens do *Groupe Dupont* explica-se sobretudo pelo fato de seus compartes terem conservado, até o presente, o mesmo firme empenho (para uma rigorosa formalização lingüística) demonstrado quarenta anos atrás. E nos pareceu justificado ilustrar a "fenologia" do GD (suas etapas de juventude e amadurecimento) lançando mão da análise do conteúdo daqueles que são, sem dúvida, seu principal produto intelectual: os anais de colóquio *Géopoint* – os quais reúnem, nas entrelinhas, suas teses capitais ... assim como suas muito freqüentes provações.

Na próxima parte do artigo nos valeremos de um segundo produto textual dos *Duponts*, a revista de ensaios e reflexões *Brouillons*, que, do mesmo modo, veicula a simpatia daqueles geógrafos pelo movimento de renovação metodológica na disciplina. A parte final preverá também dois outros momentos: uma síntese dos assuntos tratados nos colóquios *Géopoint* mais recentes e uma narrativa de reuniões ocorridas (e por nós testemunhadas) nos meses de Janeiro de 2010 e Janeiro de 2012.

REFERÊNCIAS

AURIAC, F. **Système économique et espace**: le vignoble languedocien. Paris: Economica, 1983. 211p.

BAILLY, A.; HUSSY, C. La réflexion systémique: ses limites en géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. i-viii. 1986.

BRUNET, R. Le système oriental et son espace: schéma d'analyse de système. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 215-229. 1986.

CHAMUSSY, H. If... In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 125-130. 1986a.

_____. Le groupe Dupont, ou les enfants du paradigme. In: KNAFOU, R. (Dir.). **L'état de la géographie**: autoscopie d'une science. Paris: Belin, 1997. p. 134-144.

_____. Modélisation et simulation en géographie: quelques réflexions épistémologiques. **Annales de Géographie**, Beyrouth, v. 20, p. 81-105, 1999.

CHAMUSSY, H. et al. La dynamique de systèmes: une méthode de modélisation des unités spatiales. **L'Espace Géographique**, Paris, v. 13, n. 2, p. 81-93, 1984.

DAUPHINÉ, A. **Espace, région et système**. Paris: Economica, 1979. 167p.

_____. Mathématiques et concepts en géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1978, 2. **Anais** ... p. 7-24. 1980b.

_____. Systémogenèse, théorie biologique et géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 137-143. 1986.

DOLFUSS, O. Le système monde: proposition pour une étude de géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 231-239. 1986.

DOLFUSS, O.; DURAND-DASTÈS, F. Some remarks on the notions of systems and structure in geography. **Geoforum**, n. 6, p. 83-94, 1975.

DUMOLARD, P. **L'espace differencié**. Paris: Economica, 1981. 201p.

DURAND-DASTÈS, F. Systèmes et localisations: problèmes théoriques et formels. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 19-44, 1986.

FERRIER, J. P. Le territoire de la vie quotidienne et le référentiel habitant. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1982, 4. **Anais** ... p. 171-197, 1984.

GEOHISTOIRE. **1945-1975**: la France des trente glorieuses. Gennevilliers: Prisma Presse, n. 1, fév./mars 2012. 130p. ISSN en cours.

GREGORY, S. **Statistical methods and the geographer**. London: Longman, 1963. 277p.

_____. Théorie géographique et méthodologie statistique. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1976, 1. **Anais** ... p. 9-37, 1978.

GROUPE DUPONT. La distance à la ville: essai d'analyses factorielles appliquées aux cas de Grenoble et de Montpellier. **L'Espace Géographique**, Paris, n. 4, p. 221-228, 1975.

LE BERRE, M. Le territoire dans ses rapports avec les espaces géographiques: concept ancien, utilisation nouvelle. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1982, 4. **Anais** ... p. 3-16, 1984.

_____. Pour une modélisation systémique de la différenciation spatiale. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 83-89, 1986a.

_____. Itinéraire géographique vingt ans après. Avignon: **Brouillons Dupont**, n. 17, 1989. 115p.

LE MOIGNE, J.-L. **Les systèmes de décision dans les organisations**. Paris: PUF, 1974. 244p.

_____. **La théorie du système général, théorie de la modélisation**. Paris: PUF, 1977. 272p. (coll. Systèmes-Décisions).

_____. Une localisation ... des méthodes de modélisation systémique. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 3-18, 1986.

_____. **La modélisation des systèmes complexes**. Paris: Dunod, 1999. 178p.

MARCHAND, B. L'usage des statistiques en géographie. **L'Espace Géographique**, Paris, n. 2, p. 79-100, 1972.

MOSCOVICI, S. **Essai sur l'histoire humaine de la nature**. Paris: Flammarion, 1967. 569p.

PUMAIN, D.; SAINT-JULIEN, T. Modélisation de la dynamique spatiale des systèmes de peuplement. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 157-162. 1986.

RACINE, J.-B. La géographie moderne dans la problématique des sciences sociales: des paradigmes de la totalité aux paradigmes critiques. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1976, 1. **Anais** ... p. 113-172, 1978.

_____. Du mythe d'Icare au mythe d'Antée: la géographie à la recherche de son identité et de son horizon. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1982, 4. **Anais** ... p. 199-219, 1984.

RAFFESTIN, C. Problématiques et explication en géographie humaine. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1976, 1. **Anais** ... p. 81-96, 1978.

_____. Les construits en géographie humaine: notions et concepts. . In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1978, 5. **Anais** ... p. 55-73. 1980.

ROBIC, M.-C. Le pays et la défense du corps: note à propos de "Régions naturelles et noms de pays". In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1982, 4. **Anais** ... p. 149-161, 1984.

SANDERS, L. Qu'est qu'une bifurcation? In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais** ... p. 169-174. 1986.

SAUTTER, G. The discipline and its settings: some thoughts on geography. **International Social Science Journal**, v. 27, n. 2, p. 231-249, 1975.

TRICOT, C. Les mathématiques en géographie: recherche d'une structure descriptive cohérente. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1976, 1. **Anais** ... p. 49-62, 1978.

VIGOUROUX, M. Dans le renouvellement de la géographie française: le Groupe Dupont. **Brouillons Dupont**, n. 2, p. 5-16, 1978.

WIEBER, J.-C. Quelques aspects de la pratique française en géographie quantitative. **Brouillons Dupont**, n. 4, p. 97-107, 1979.

Recebido em março de 2012
Aceito em junho de 2012